

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Doença de D. Paulo

Class.: 13

Data: 26/04/82

Pg.: 09

### Súmula POLÍTICA/NACIONAL

• O ex-deputado Mário Covas, presidente regional do PMDB, admite que seu partido está disposto a governar formando aliança com as demais agremiações oposicionistas. Pág. 4

• O Congresso Nacional inicia esta semana uma pauta de trabalho que prevê a votação de vários projetos. Um deles reabre o prazo para filiações partidárias aos pevistas e peemedebistas descontentes. Pág. 4

• Em Campinas, o senador Orestes Quércia lança sua candidatura ao governo do Estado, diante de cerca de mil correligionários, indicando o prefeito Francisco Amaral para o Senado. Pág. 4

• Representantes de 11 nações indígenas que vivem no Nordeste reuniram-se em Palmeira dos Índios, Alagoas, para discutir seus problemas e pedir a criação de um conselho indígena para a região. Pág. 4

## Os indígenas do Nordeste querem ser reconhecidos

MEMÉLIA MOREIRA,  
enviada especial

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS — (AL)** — A seis quilômetros do centro da cidade de Palmeira dos Índios, noroeste de Alagoas, já verde com as primeiras chuvas, cerca de 40 líderes representando 11 nações indígenas que vivem no Nordeste se reuniram durante três dias para discutir seus problemas. Reconhecimento da identidade étnica, demarcação de terras, atendimento da saúde e uma escola em cada aldeia foram as principais reivindicações apresentadas pelos líderes, remanescentes dos grupos que habitavam o Brasil na época da chegada dos portugueses. Como defesa política eles reivindicam também a criação de um conselho indígena do Nordeste.

Discriminados pela sociedade envolvente nos Estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Paraíba, os grupos indígenas nordestinos enfrentam também uma séria crise de identidade. Perderam os costumes, tradições e, com exceção dos Fulni-ô, eles só guardam uma herança de sua língua, as músicas que cantam na dança do "poré". Miscigenados, principalmente com negros, eles são párias de uma sociedade que os chama de "caboclos", explora suas terras e não entende a vida comunitária desses homens e mulheres.

No encontro, promovido pela Delegacia Regional da Funai de Recife, eles lamentaram sua condição de párias frente ao delegado Leonardo Reis. Um representante dos Tingui-Potó, grupo ainda não reconhecido pela Funai, falando baixinho reclamou: "Nós somos índios desprezados. Uma que não temos terras para trabalhar (toda a área ocupada pelo grupo de 300 pessoas não chega a quatro hectares), outra que a Funai fica aí vendo quem é índio, quem tem tradição. Todo mundo sabe quem é índio no Nordeste e toda-

A questão de identidade é parte do documento final do encontro. São dois documentos: o primeiro com reivindicações à Delegacia Regional e outro, a ser entregue ao presidente da Funai, Paulo Moreira Leal e ao ministro Andreazza, do Interior, com reivindicações gerais. No documento que deve ser entregue às autoridades em Brasília eles solicitam não apenas a "urgente demarcação da terra", como também o "direito dos índios dizerem quem é e quem não é índio e a assistência reconhecendo os povos indígenas, que por processo falho e criterioso de determinados funcionários da Funai, tem hoje sua identidade étnica contestada".

### ASSISTÊNCIA

A questão da identidade fundamental para reconhecimento do território ocupado, faz parte da assistência que eles solicitam. Os Uassu de Cocal (AL), os Tingui-Botó, também de Alagoas e os Trucá, da ilha de Assunção (Pernambuco) reclamam o direito de serem índios.

Ibes Menino, um dos grandes líderes do encontro, vem há mais de um ano transportando documentos entre Recife e Brasília para que seu grupo, os Uassu, seja reconhecido. Deodato, dos Trucá, não discute sua identidade. "Sou índio há muito tempo", diz ele sem alterar a voz e, na sessão plenária, não chegou sequer se referir ao problema de identidade, ponto indiscutível para a sua comunidade. "Nosso problema — afirmou — é terra". Tradicionais habitantes da ilha de Assunção, os Trucá, ocupam hoje apenas 140 hectares de terra, esperando mais 250 hectares que devem ser liberados pelo governo de Pernambuco, enquanto aguardam o julgamento do recurso impetrado pela Funai junto ao TFR, onde o órgão tutor reivindica seis mil hectares de terras para esses índios.

A frase "nosso problema é terra" foi repetida pelos Trucá, Tingui, Uassu, Quiriri, Fulni-ô, Caimbé-Massacará, Pancararu, Tuxá. O representante Potiguará, Antônio Barbalio, preferiu dizer que está tudo bem e, completando a frase disse: "Estou com a Funai e não abro nem por um trem".

### TERRAS ARRENDADAS

Os Pancararu e Tuxá enfrentam no momento os mais graves problemas pela posse da terra. Vivendo no município de Petrolândia (PE), esses quatro mil índios tiveram suas terras arrendadas. Quitéria de Jesus, de 43 anos, acompanhante do cacique e guardiã dos documentos de seu povo protesta porque os arrendatários — cerca de 700 famílias de posseiros — não pagam o uso da terra. O último pagamento foi feito em 1950 e daí em diante os arrendatários decidiram apenas ocupar a área sem pagar nada. Agora os Pancararu vivem numa exígua faixa de terra, árida e castigada pelas secas, cercados pelos posseiros que de vez em quando promovem emboscadas contra os índios.

Os Tuxá de Rodelas (BA), vão ser transferidos. Manoel Ricardo e Manoel Eduardo, os líderes que participaram do encontro, estão preocupados com a transferência da comunidade, cuja área será inundada pela hidrelétrica de Itaparica. "Vai inundar nossa aldeia — diz Eduardo — e nós não sabemos quais as medidas que a Funai vai tomar para nós". As providências têm que ser tomadas com tempo porque nós precisamos trabalhar. Não se pode impedir esta construção, mas a gente não quer que aconteça o que aconteceu em Sobradinho, quando muita gente passou fome e isso nos preocupa".

Além desses pontos, os índios querem escola. Eles se sentem constrangidos de mandar as crianças estudar na cidade, onde são discriminados. E o cacique dos Chucuru-Cariri, Celestino, chegou a perguntar: "Será que nunca vamos ter uma faculdade para os índios? Será que índio nunca pode ser acadêmico?"

Escolas, terra garantida e médico para as aldeias é tudo o que essas 22 mil pessoas pedem à Funai.